

A DAMA ESPANHOLA

Agnaldo Stein¹
agnaldo_stein@hotmail.com

Retocava a estátua com exímio cuidado. Repelentes de tomada eram insuficientes para afugentar os mosquitos, mas do zunido e das picadas tinha se esquecido. Sugava-o inteiramente o trabalho minucioso. Ia molhando aos poucos o corpo daquela dama imóvel, para melhor manusear a argila. Com a espátula ou as próprias mãos, moldava de novo os olhos, o nariz, a gérbera presa nos cabelos. Igualmente aos encantadores de serpente indianos, a dama de argila hipnotizava-o, e como se lhe exigisse a perfeição, ele trazia à estátua a aparência cada vez mais próxima de uma mulher.

— Ainda aí, amor? Vem dormir! – veio dizer entre bocejos Enzo, seu marido, ao perceber que Carlinhos ainda estava no estúdio.

Três horas da manhã, e não pela primeira vez Enzo chamava o marido para cama. Outras vezes Carlinhos tinha varado noite adentro, concentrado em um trabalho, mas dava de contá-las nos dedos em treze anos de casados.

Inútil foi lembrar Carlinhos que era tarde da noite, que tinha de levantar cedo no outro dia para dar aulas na faculdade. Ele já não ouvia mais ninguém, só a estátua. Disse que já ia dormir. E não foi. Dormiu no estúdio, sujo de argila. O mesmo episódio se repetiu nas noites seguintes, e sobrava ao Enzo ir buscá-lo, conduzi-lo ao banho, depois à cama. Uma manhã, ébrio de sono, o escultor quase perdeu a hora da aula.

— Você vai perder seu emprego na faculdade...

Preocupava-se Carlinhos, mas não ouvia ninguém no fim das contas, só a estátua. Apesar da paciência, a cisma constante do marido pelo novo trabalho foi calejando Enzo, e o calo um dia estourou.

— Essa estátua não tá te fazendo bem!

— Eu tô acabando... Não vê? É a minha obra-prima!

Enzo não tinha alma de artista. Achava a estátua bonita, e só, nada próximo ao tremor e às palavras calorosas do marido quando se referia à ela. O que sabia é que aquele monte de argila já o irritava profundamente.

— Então finaliza logo que precisamos vender!

¹ Graduando em Artes Cênicas na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Vender? Isso estava fora de qualquer possibilidade. Como venderia o seu grande trabalho, o que não tem preço? Não, vender nunca! Seria como se vendesse a própria alma. Ao saber a posição de Carlinhos, a fúria de Enzo dobrou. Embirrou, brigou, chorou, e nada conseguiu. O marido estava perdido, iludia-se pela busca da perfeição. Almejava naquela dama a sua obra magistral. Virou essa busca um vício, que como outro qualquer vai corroendo as horas, os dias, a paz. Brigas em cima de brigas, aumentava a pressão para a finalização da obra, e nada. O que se via eram as olheiras do escultor ficarem mais constantes, os cabelos mais opacos e alvoroçados, a barba sempre por fazer. O pigmento da pele desvanecia, delatando veias antes ocultas ou menos perceptíveis. Parecia o artista transferir sua vida à estátua, que a cada dia tornava-se mais perfeita.

Uma tarde, foi visitá-lo um amigo. Carlinhos não recebia visitas há semanas, desde sua dedicação obsessiva pela dama de argila. Às pessoas que vinham, inventava desculpas, normalmente usando como cúmplice o Enzo, que auxiliava o marido de má vontade. A esse amigo, para admiração do próprio Enzo, recebeu.

— Olha, se não é o De Lunardo!

— Em carne e osso, mais osso do que carne!

De Lunardo era também escultor e, ao contrário de Carlinhos, vivia apenas desse ofício. Tinha vinte e cinco anos, era mais novo que o casal, que beirava os quarenta. Suas esculturas vendiam bem, principalmente as encomendas. Nos últimos anos, havia ganho certa notoriedade na região. A amizade entre os dois artistas iniciou quando Carlinhos foi visitar uma exposição de esculturas do De Lunardo no *shopping*. Sabendo que Carlinhos realizava alguns trabalhos, o papo entre eles fluiu como vertente. Discutiram sobre Vênus de Milo, Michelangelo, Rodin, e passaram a frequentar a casa um do outro.

Assim que chegou à casa, os claros olhos de De Lunardo perceberam o aspecto cavernoso do amigo. Todo manchado de argila, com cabelos altos e fisionomia cansada, Carlinhos logo puxou o outro em direção ao estúdio.

— Tô trabalhando feito um louco em cima de uma peça. Não mostrei pra ninguém, queria que você visse, em primeira mão. Quero uma opinião profissional e alheia, porque o vislumbre de um artista pode lhe cegar.

Chegando ao estúdio, que ficava nos fundos da casa, depararam-se os dois com a dama de argila. Residia ali, bem no centro do local, ainda molhada por ter sido recentemente retocada. De Lunardo admirou-se com a estátua tanto quanto o autor, talvez mais. Maravilharam-se seus olhos com a imagem daquela mulher, quase tão presente ali como ele e

o outro. As dimensões humanas, o olhar convidativo, os lábios que pareciam tão macios. Uma mulher real, que outrora olhou diretamente nos olhos de Medusa e, como castigo da Górgona, foi transformada em argila.

— Então, o que achou?

De Lunardo quis falar e a princípio não pôde, um engasgo, a voz queria sair e foi barrada.

— Perfeito! – disse enfim.

Informou-lhe Carlinhos sobre a estátua, os processos de criação, contou que ela foi se construindo como que por si só.

— Não sei exatamente o porquê, talvez pela flor dos cabelos, acho que é uma espanhola – deduziu Carlinhos.

— Uma espanhola... – repetiu o outro, que captava só metade das palavras.

Desejava De Lunardo ficar lá mais um pouco para contemplar aquela dama espanhola, que silenciosamente lhe dizia tantas coisas. No entanto, percebia no rosto do amigo que este desejava sua partida. E, recém tomou um cafezinho servido por Enzo, foi embora.

Certa agitação o acompanhou no caminho de casa, e persistiu no banho e na hora do jantar. Tentou depois dormir, mas não conseguiu. A imagem da dama espanhola estava marcada a ferro no seu espírito. Não era apenas um querer, uma paixão, ou coisa parecida. Era uma sede insana, avassaladora, não pela mulher, mas pela perfeição da obra. O sublime trabalho não podia pertencer ao asno do Carlinhos, que só produzia mediocridades. E o que o *gaysinho* faria quando as críticas do país inteiro, quem sabe do mundo, fossem parabenizá-lo, aclamá-lo?

O talento imprimido naquela obra teria certamente essa consequência e, francamente, o Carlinhos não precisava disso. Professor de universidade, o marido não tinha profissão ruim, parece que era auxiliar administrativo. E você, De Lunardo? Um escultor, seu ofício único para ganhar o pão de cada dia, não um mero *hobbie*.

Decidido: Carlinhos teria que lhe vender a patente da obra! A obra seria sua. Por um bom preço, ele toparia. De Lunardo levantou atarantado, vestiu-se depressa, um avião a jato. Antes de sair, olhou o relógio de parede, eram quatro da manhã. Não se importou. A essa altura, a noção das coisas tinha-se evaporado. Sua cabeça latejava.

Chegou à casa e afundou o indicador na campainha. Silêncio. Tentou outras vezes, a resposta foi novamente a quietude da noite. Recordou-se então que à tarde, quando

esteve ali, ocorreu o mesmo e ele abriu o portão. Enzo depois chegou a comentar que a campanha estava quebrada. Suspeitou que o portão estivesse destrancado, e estava. Atravessou o portão e alcançou a porta. Bateu. Ninguém abriu. Instintivamente meteu a mão na maçaneta e a testou. Estava aberta. De Lunardo adentrou a casa como um predador próximo à presa. Dentro da casa, ao cerrar de novo a porta e observar a sala escura, hesitou. Um rompante de noção flamejou, as probabilidades de dar certo o antigo plano, de comprar a patente da estátua, eram mínimas. Sim, a ocasião fez o ladrão, e ele já tinha um novo plano: furtar a estátua.

Para isso, teria de atravessar a casa. Resolveu tentar. Passou a sala, que emendava na cozinha, depois o corredor, cujos afluentes eram o banheiro, a lavanderia e, por fim, o estúdio. Os quartos eram no andar de cima, o que era bom, pois não faria muito barulho. Em estado febril, adentrou a porta do estúdio. Foi então que encontrou a dama espanhola, no mesmo lugar de antes. Apesar do escuro, a claridade noturna respingava pelos vãos da cortina. Ele tocou na estátua, um pouco úmida em algumas partes, teria de tomar cuidado. Esbarrou, de repente, em algo. Ao pé da estátua dormia, com roupas sujas de argila, o Carlinhos. Entredido no trabalho, o coitado entregou-se ao sono ali mesmo, e ainda segurava uma espátula na mão. De Lunardo abafou o susto. E se Carlinhos acordasse? E se o marido, notando sua ausência na cama, viesse buscá-lo? Uma coisa era certa: não poderia sair dali com uma estátua daquela proporção.

Em um gesto involuntário, tocou nela novamente, e percebeu que estava mais úmida do que pensava. Começou a passar as mãos por ela. Seu rosto, conforme suas mãos se arrastavam, ia-se desfigurando. Achou, mesmo na penumbra, um pote com água. Era tudo o que desejava. Foi molhando a estátua, principalmente nos traços mais delicados, e remexendo na argila. Foram-se os olhos, lábios, cabelos. Em poucos minutos, só a estrutura da obra se mantinha. A dama estava longe de parecer uma dama.

Satisfeito com a missão cumprida, o homem procurou por perto algo que servisse para limpar a argila das mãos. Lavou-as como pôde, no restante da água que sobrou do pote, e enxugou-as com um paninho que estava jogado por ali. Tendo as mãos mais limpas, saiu da casa. Ao se afastar, sentia o alívio da missão cumprida, mas certo peso lhe ia às costas. Não encontrou ninguém na rua, apenas um senhor desconhecido, que o olhou com desconfiança. Numa torneira de uma casa próxima, lavou um pouco mais as mãos e logo chegou em casa, que ficava em torno de um quilômetro e meio dali. Conseguiu dormir.

Desde esse dia, nunca mais foi à casa de Carlinhos. Encontrou-o algumas vezes de passagem, por acaso, cumprimentaram-se apenas. Um tempo depois, soube por uma senhora da vizinhança, dona Ângela, que Carlinhos tinha se separado de Enzo, mas não soube exatamente o porquê.